

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**ESTEREÓTIPOS COMPÓSITOS: ORIGEM DE
ATRIBUTOS EMERGENTES EM CATEGORIAS
COMPÓSITAS**

Maurício Oliveira Leitão da Silva Cardoso

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Área de Especialização em Cognição Social Aplicada

2019

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**ESTEREÓTIPOS COMPÓSITOS: ORIGEM DE
ATRIBUTOS EMERGENTES EM CATEGORIAS
COMPÓSITAS**

Maurício Oliveira Leitão da Silva Cardoso

Dissertação orientada pela Professora Doutora Ana Sofia Santos

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Área de Especialização em Cognição Social Aplicada

2019

Agradecimentos

Em primeiro lugar quero agradecer à Professora Ana Sofia Santos pela orientação dada e por toda a ajuda e disponibilidade que sempre encontrei. Pelo conhecimento que me transmitiu, pelas críticas construtivas e por todo o apoio na realização desta dissertação.

Gostaria também de agradecer a todos os professores com quem tive o privilégio de aprender neste meu percurso académico, especialmente aos professores do núcleo de Cognição Social Aplicada por me terem acompanhado nestes últimos 2 anos.

À Andreia por me ter acompanhado nestes últimos 2 anos, por todas as piadas secas que não vão deixar saudades, por todo o trabalho de equipa.

Aos meus afilhados e pseudo afilhadas, por todos os momentos que proporcionaram.

Ao pessoal da Kangocha, por todos os momentos criados ao vosso lado e por todos aqueles que estão para acontecer.

À Rita e à Ana, por terem ficado sempre ao meu lado quando mais precisei, por todos os planos realizados e a todos os planos que estão na lista.

À minha família, porque se não fosse por eles nunca teria chegado tão longe. Especial agradecimento à minha mãe por sempre me ter incentivado a fazer o que mais gostava e por todo o apoio.

Ao pessoal do ISEV, onde encontrei um grupo de irmãos que esteve sempre ao meu lado durante este percurso.

E por último à Rosarinho, por ter entrado na minha vida nesta fase final do meu percurso e ter tornado tudo melhor.

Índice

Resumo.....	6
Abstract.....	8
Introdução.....	10
Estereótipos.....	11
Modelos de Processamento de Informação	12
Modelo Abstracionista.....	12
Modelo Exemplarista.....	13
Modelo Misto.....	14
Modelo Coneccionista.....	14
A Complexidade da Categorização Social.....	16
Categorias Sociais Compósitas e a Emergência Estereotípica.....	17
Atributos Emergentes na resolução de conflito.....	20
Presente Estudo.....	22
Estudo 1.....	25
Metodologia.....	25
Resultados.....	27
Diferenças entre Agrupado e Aleatório.....	29
Estudo 2.....	30
Metodologia.....	30
Resultados.....	33
Codificação dos atributos.....	33

Atributos Gerados.....	34
Surpresa e Dificuldade na geração de atributos.....	34
Discussão.....	36
Investigações Futuras.....	39
Estabilidade Temporal das Categorias Compósitas.....	39
Direcionalidade dos Estereótipos Emergentes.....	41
Dispersão percebida dos Atributos.....	42
Conclusão.....	43
Referências Bibliográficas.....	45
Anexos.....	52
Anexo 1 - Média dos ratings para cada atributo na condição Agrupado.....	53
Anexo 2 - Média dos ratings para cada atributo na condição Aleatório.....	60
Anexo 3 - Distribuição dos atributos de cada categoria compósita.....	67
Anexo 4 - Número de Atributos Herdados de acordo com os autores.....	73
Anexo 5 - Atributos Emergentes gerados para cada categoria compósita.....	74
Anexo 6 - Atributos Herdados gerados para cada categoria compósita.....	75
Anexo 7 - Número total de Emergentes e Herdados em cada Categoria Compósita.....	76
Anexo 8 - Média Dificuldade, Média Surpresa, para cada categoria compósita.....	77
Anexo 9 - Descrições feitas para a categoria Ecologista – Talhante.....	78
Anexo 10 - Descrições feitas para a categoria Padre – Talhante.....	82
Anexo 11 - Descrições feitas para a categoria Segurança de Discoteca–Talhante.....	85
Anexo 12 - Contagem dos antecedentes causais das categorias compósitas.....	88

Resumo

É muito difícil encontrar o ser humano organizado em categorias simples. No mundo real, pertencemos a diversas categorias que se sobrepõem umas às outras, criando um conflito interno. Perante este conflito, e na tentativa de encontrar uma solução, é normal utilizar um raciocínio causal que ajude a explicar o porquê de alguém pertencer a categorias tão diferentes entre si (Kunda, et al., 1990). Durante este processo de raciocínio, é normal encontrar atributos que não tenham sido observados quando só estão presentes categorias simples – Atributos Emergentes (Kunda et al., 1990; Hastie et al., 1990).

Desta forma, é pretendido continuar o trabalho desenvolvido por Benrós et al., (no prelo). Estes autores continuaram por sua vez o trabalho desenvolvido por Kunda et al., (1990) e desenvolveram uma lista de categorias compósitas ricas em atributos emergentes. Num primeiro estudo, foi testada a probabilidade de os participantes acharem que uma pessoa daquela categoria compósita teria aquele atributo. Foram testadas duas condições de apresentação das listas diferentes – Agrupada e Aleatória. Com o objetivo de ver qual delas potenciaria mais atributos emergentes. Num segundo experimento, foi realizada uma tarefa de geração espontânea onde as categorias compósitas tinham uma categoria constituinte comum entre si com objetivo de observar a utilização de o raciocínio causal de uma forma mais direta.

No primeiro estudo foi possível observar que, nas duas condições diferentes não houve qualquer tipo de diferença no que toca em atributos emergentes mas foi possível observar uma diferença a nível de atributos herdados e *averaged*. Foi também testada a diferença entre as metodologias utilizadas por Kunda et al., (1990) e Hastie et al., (1990), sendo que esta última gerou mais atributos emergentes. No segundo estudo, as categorias compósitas apresentaram mais atributos emergentes derivados da descrição livre quando comparadas com a tarefa de escalas de

avaliação do estudo anterior. No entanto, não foi possível observar atributos emergentes repetidos nas categorias compósitas, apenas um atributo herdado foi semelhante nas tres categorias, sugerindo que os participantes utilizaram um raciocínio causal quando pensaram nas categorias compósitas.

Palavras-Chave: Estereótipos Compósitos; Atributos Emergentes; Categorias Profissionais

Abstract

It's very hard to see the human being organized in simple categories. In the real world, we belong to a vast set of categories that overlap each other, creating an internal conflict. In an attempt to find solutions to this conflict, it's normal to use causal reasoning that helps explain why someone can belong to categories so unlike (Kunda, et al., 1990). During this process, we can find attributes that haven't been seen when only the simple categories are present – emergent attributes (Kunda et al., 1990; Hastie et al., 1990).

This essay acts as a follow-up to the work developed by Benrós et al., (In press) which in turn is a continuation of Kunda et al. (1990) study. Benros et al., (In press) developed a list of composite categories rich in emergent attributes. On a first study, we tested the probability of the participants thinking that a person with a certain composite category would have a certain attribute. Two conditions of different list presentations were tested – Grouped and Random – with a goal in mind to find which one would potentiate more emergent attributes. On a second study, a random generation task was applied where the composite categories had a constituent common category amongst themselves in an attempt to observe the use of causal logic in a more direct way.

On the first study it we could observe that, in the two different conditions, there was no difference on the variable emergent attributes. However, a difference was observed on inherited and averaged attributes. The difference between Kunda et al., (1990) and Hastie et al., (1990) methodologies was also tested, with the latter generating more emergent attributes. On the second study, composite categories presented more emergent attributes derived from free description when compared to the rating scales task from the first study. Nonetheless, it wasn't possible to observe repeated emergent attributes on composite categories, only one inherited attribute was

similar in all three categories suggesting that participants did use a casual reasoning when thinking about the composite categories.

Keywords: Composite Stereotypes; Emergent Attributes; Professional Stereotypes

Introdução

Com o objetivo de conseguir lidar com a complexidade do mundo à nossa volta, o ser humano tem a necessidade de atribuir categorias aos diferentes estímulos. Em vez de perceber as pessoas com base na sua individualidade, preferimos, com base nas suas características, vê-las como uma categoria (Macrae & Bodenhausen, 2001). Este processo de categorização é cognitivamente mais económico do que avaliar cada indivíduo pela sua individualidade, poupamos mais recursos mentais quando avaliamos uma pessoa com base no seu grupo, pois já temos informações predefinidas, facilitando a análise do mundo à nossa volta perante situações adversas e difíceis (Pendry & Macrae, 1994; Macrae & Bodenhausen, 2001).

Todos nós possuímos características que facilitam o processo de formação de impressões, quer seja através de estímulos físicos (e.g., cor da pele), verbalizados, escritos e característicos de uma categoria. Perante estes estímulos organizamos os indivíduos em categorias, estruturando as informações do mundo à nossa volta (Fiske & Neuberg, 1990). Quando categorizamos, temos tendência a minimizar as diferenças entre os membros da mesma categoria (Tajfel, 1969), podendo mesmo ignorar essas diferenças quando formamos impressões. Após a categorização, assumimos que o indivíduo em causa vai possuir as mesmas características que os restantes elementos desse grupo, alterando assim, as perceções, avaliações e os comportamentos para com o mesmo (Devine & Baker, 1991)

Quando colocamos um sujeito numa categoria, é mais fácil obter informações sobre o mesmo, uma vez que apresentamos informações já guardadas sobre essa categoria, dando sentido ao nosso mundo social através da construção de normas que nos ajudam a entender a nós próprios e aos outros (Hogg, 2000). Desta forma, poupamos recursos uma vez que não perdemos tempo à procura de informações sobre esse indivíduo (Macrae, Milne & Bodenhausen, 1994). Assim, este

processo de categorização serve para dar um sentido ao nosso mundo social, simplificando as formações de impressões sobre os outros e facilitando a resolução de conflitos perante um mundo complexo (Fiske & Neuberg, 1990).

Para conseguir realizar esta divisão em categorias, o ser humano apresenta ferramentas que ajudam a completar este processo - os estereótipos.

Estereótipos

Os estereótipos, de uma forma geral, podem ser vistos como impressões generalizadas que apresentamos sobre os grupos, adquiridas através de experiências diretas ou indiretas (Karlins, Coffman & Walters, 1969). Quando uma pessoa é categorizada como um elemento de um determinado grupo social é alvo de estereótipos que temos guardados para definir esse grupo, alterando a percepção que temos relativamente ao mesmo (Sherman, 1996).

Através da utilização dos estereótipos é possível economizar recursos cognitivos ao gerir as exigências impostas pela capacidade de processamento de cada um, facilitando assim as nossas interações sociais. No entanto, apesar de apresentarem informações que podem ser bastantes úteis para as nossas interações podem, também, revelar impressões sobre os outros que estão erradas, criando assim uma imagem errada da realidade (Macrae, Milne & Bodenhausen, 1994). É verdade que este processo permite uma grande rapidez na aquisição de informação sobre um indivíduo, mas esta pode muitas vezes estar errada (Rule, Ambady, Adams & Macrae, 2007), uma vez que estas categorizações acontecem de uma forma rápida e sem grandes fundamentos (Johnson, Gill, Reichman & Tassinari, 2007).

Assim, é importante perceber a forma como processamos a informação que nos rodeia, de forma a conseguir organizar a informação em categorias.

Modelos de Processamento de Informação

Modelo Abstracionista

Neste modelo são criadas imagens abstratas dos traços mais típicos dos grupos sociais. À medida que os sujeitos vão adquirindo informação sobre os diferentes grupos sociais, através da sua própria experiência ou através de aprendizagens indiretas adquiridas pela sua família, amigos e meios informativos (media, redes sociais), vão desenvolvendo imagens abstratas sobre esse grupo (Posner & Keele, 1968). Neste caso, apesar de surgirem devido a exemplos particulares, os estereótipos vão ser armazenados separadamente desses exemplares, criando uma representação autónoma e independentemente guardada que será ativada para usos futuros. De acordo com este modelo, os estereótipos apresentam uma grande estabilidade ao longo do tempo não sendo afetados pelas mudanças contextuais (Garcia-Marques, Santos & Mackie, 2006).

Uma função importante destes estereótipos abstratos é aumentar a eficiência cognitiva. Através da categorização, estes estereótipos reduzem a quantidade de informação a que temos de prestar atenção. Estímulos sociais que foram agrupados no mesmo grupo podem ser vistos como equivalentes, reduzindo a necessidade de formar impressões individuais (Fisk & Neuberg, 1990; Hamilton & Sherman, 1994). Estes estereótipos também aumentam a eficiência cognitiva ao expandir o conhecimento base que os indivíduos podem aplicar à perceção social, e ao utilizar expectativas úteis sobre personalidades e comportamentos de membros de um determinado grupo, permitindo ao indivíduo ir mais além da informação dada (Hamilton & Sherman, 1994; Taylor, 1981). Assim, é possível atender à personalidade e comportamentos de um indivíduo sem grandes

custos cognitivos, preservando recursos que podem ser utilizados noutras tarefas (Macrae, Milne & Bodenhausen, 1994).

Modelos Exemplaristas

Para tentar combater a inflexibilidade apresentada pelo modelo anterior e lidar com as limitações do mesmo a acomodar certas evidências empíricas, surge este modelo que tem em conta fenómenos como a variabilidade grupal, extensividade dos subtipos e efeitos de maleabilidade contextual nos estereótipos (Smith, 1990; Garcia-Marques, Santos & Mackie, 2006; Garcia-Marques & Mackie, 1999).

De acordo com este modelo, a perceção social está dependente do conjunto de exemplares que é ativado pelo alvo. Os estereótipos são criados através da ativação de exemplos particulares de elementos dos grupos, estabelecendo um resumo geral dos seus atributos que será guardado para ser utilizado no futuro. Para todos os indivíduos, surgem diversos exemplos aquando da formação de impressões. Estes exemplos, que estão agora ativos, não pertencem necessariamente à mesma categoria social. Em vez disso, os exemplos ativados são aqueles que partilham mais características em comum com o alvo (Smith & Zarate, 1992), formando expectativas, inferências e julgamentos gerais sobre o mesmo.

Desta forma, quando há contacto com um grupo, vamos procurar esse resumo geral de atributos que, conciliando com as novas informações, vai ser visto como mais um exemplo característico daquele grupo, levando ao seu armazenamento com todos os outros exemplos num resumo aplicado a este, mostrando assim que a estabilidade inter-sujeito dos estereótipos ao longo do tempo será reduzida, uma vez que existe uma constante renovação de informação sobre os sujeitos (Garcia-Marques, Santos & Mackie, 2006).

Modelo Misto

Devido às limitações teóricas e empíricas que os dois modelos mencionados anteriormente possuem a lidar com a acumulação de informação estereotípica, vários autores começaram a utilizar um modelo misto, que contém informações abstratas e por exemplos (Busemeyer et al., 1984; Sherman & Klein, 1994; Smith & Zarate, 1990).

Durante as fases iniciais, quando estamos a aprender sobre o alvo, os julgamentos são baseados na ativação de exemplos particulares, uma vez que não foram encontrados exemplos suficientes para formar um conhecimento abstrato. À medida que o número de exemplos encontrados aumenta é desenvolvida uma representação abstrata do alvo que se torna a base dos julgamentos seguintes (Sherman & Klein, 1994). Desta forma, é possível observar que as representações mentais do conhecimento estereotípico dependem da experiência que o sujeito tem com o estímulo (Sherman, 1996).

A passagem do modelo exemplar para o modelo abstrato é importante, visto que os estereótipos abstratos reduzem a dependência de informação individual e no processamento por exemplos. O conhecimento abstrato, para além de ser mais eficiente, é visto como mais confiável que o conhecimento por exemplo (Sherman, 1996).

Modelos Coneccionistas

Mais recentemente surgiram os modelos coneccionistas que têm tido uma grande influência em diversas áreas da psicologia cognitiva, sendo o processo de categorização uma delas (Smith, 1996).

De uma forma geral, este modelo apresenta um conjunto de unidades de processamento simples ligadas entre si que transmitem sinais de ativação. Esta informação circula pelas diferentes unidades criando um padrão de atividade. Este padrão depende não só dos *inputs* atuais mas também das próprias ligações que estão a ser utilizadas, uma vez que estas são uma função de aprendizagens passadas.

Após este processo ocorrem as mudanças no peso das ligações. Estas são ajustadas com base na informação recebida. Ligações cuja informação recebida é congruente (positiva) vão apresentar um fortalecimento da ligação e, em contrapartida, ligações que apresentem informação incongruente (negativa) vão apresentar uma ligação mais fraca. Assim, perante uma discrepância de informação, as ligações que divergem bastante uma da outra vão ajustar-se mais do que as ligações que apresentam uma ligação positiva (Smith, 1996).

Posteriormente, quando for recebido um *input* semelhante, serão ativadas algumas das unidades do padrão ativado anteriormente. À medida que a informação circula entre as ligações é possível observar que as mudanças nas ligações, resultado das ativações anteriores, levaram à modificação do padrão anterior, criando um novo, que por sua vez, será também alterado pelas informações novas recebidas (Queller & Smith 2002). Desta forma, é possível observar que a informação não pode ser recuperada da mesma maneira como foi guardada, uma vez que as representações não são procuradas, mas sim recriadas (Smith, 1996). Esta ideia é consistente com os resultados encontrados por Garcia-Marques, Santos e Mackie (2006). Os autores obtiveram resultados consistentes com a ideia de que os estereótipos são construtos temporários, flexíveis e influenciados pelo contexto. Isto significa que, perante contextos diferentes, os estereótipos podem não ser apresentados da mesma maneira.

A Complexidade da Categorização Social

Como foi mencionado anteriormente, é muito difícil encontrar o ser humano organizado em categorias simples. No mundo real, pertencemos a diversas categorias que se sobrepõem umas às outras, tornando assim difícil o processo de categorização. O ser humano, quando categoriza, utiliza diversos fatores para fazer esta divisão (Crisp, 2002). É possível observar que tanto fatores cognitivos como motivacionais vão ter um papel importante a qualificar a forma como definimos as identidades sociais (Crisp & Hewstone, 2007).

Acresce a isto a evidência de que a categorização social está dependente do contexto (Garcia-Marques, Santos & Mackie, 2006). À medida que as pessoas desenvolvem as suas vidas sociais, vão alternando entre contextos diferentes, seguem os seus objetivos ou avançam com as suas carreiras, é possível que sejam categorizadas de maneira diferente (Reis, 2008; Garcia-Marques, Santos & Mackie, 2006), isto é, diferentes contextos levam a respostas diferentes para os mesmos estímulos. Quando uma pessoa é vista num contexto social particular é possível que as categorias principais a que esta pertence sejam abandonadas a favor dos subtipos que variam com base no seu contexto (Devine & Baker, 1991), revelando uma característica maleável no processo de categorização. Gilbert (1951) mostrou que os estereótipos relativos aos Alemães e Japoneses tomaram uma conotação mais negativa devido aos conflitos da altura.

Para além dos fatores contextuais, é também importante abordar os contextos motivacionais do indivíduo. A motivação desempenha também um papel importante na formação de impressões de pessoas e grupos. É possível, dada a situação, que uma pessoa mude a forma como se caracteriza, ou como caracteriza os outros com o objetivo de aumentar a sua auto-estima, ou se se sentir ameaçado (Mussweiler, Gabriel & Bodenhausen, 2000; Sinclair & Kunda, 1999, 2000). As pessoas que estão inclinadas para uma conclusão em particular vão tentar construir uma

justificação plausível, procurando e utilizando memórias que confirmem estas conclusões (Sinclair & Kunda, 1999, 2000). Com base nesta informação, é então possível que pessoas que são avaliadas positivamente por indivíduos com um estereótipo negativo tendam a ver estes indivíduos de uma forma muito positiva com o objetivo de aumentar a sua própria glorificação, inibindo este estereótipo negativo, sendo também possível observar o inverso, ao ser criticado por essa mesma pessoa, este vai ativar este estereótipo na tentativa de reduzir o impacto dessa crítica (Sinclair & Kunda, 1999, 2000).

Perante estes fatores contextuais e motivacionais é possível observar uma categoria social a destacar-se das outras, tornando-se a categoria dominante para um sujeito naquela situação em específico (Bodenhausen e Macrae, 1998; Macrae, Bodenhausen & Milne, 1995; Bodenhausen, Todd & Becker, 2007). Uma vez que todos os indivíduos pertencem a diversas categorias sociais, perante estes indivíduos, estas categorias vão ser ativadas na memória do sujeito que observa com base em encontros passados. Certas categorias vão atingir o nível máximo de ativação primeiro que as outras tornando-se assim nas categorias dominantes (Bodenhausen e Macrae, 1998; Macrae, Bodenhausen & Milne, 1995).

No entanto, é também possível que a categorização em múltiplas categorias sociais do mesmo indivíduo conduza à identificação de atributos denominados emergentes que não pertencem a nenhuma das categorias prévias, que surgem como características deste conjunto mas que não o são para os seus constituintes (Kunda, Miller & Claire, 1990; Hastie, Schoroeder e Weber, 1990).

Categorias Sociais Compósitas e a Emergência Estereotípica

Todos nós pertencemos a mais do que uma categoria social, categorias essas que vão evocar expectativas diferentes e por vezes até conflituosas. De acordo com Medin e Shoben (1988), uma propriedade básica das categorias é que estas podem ser combinadas de forma a formar conceitos mais restritos (eg., a categoria Aves pode ser dividida em aves predadoras, migratórias, etc., com base nas suas características). No entanto, as categorias sociais são muito mais complexas e flexíveis, capazes de albergar uma variedade de modificações e contradições (Kunda, Miller & Claire, 1990)

Perante o conflito criado por estas categorias, temos tendência a resolvê-lo de uma forma mais complexa, através da construção de explicações que justifiquem a pertença a diversos grupos (Pennington & Hastie, 1986). Derivado desta resolução de conflito, pode ser possível observar o aparecimento de novos atributos, denominados emergentes, que não estão presentes em nenhum dos constituintes simples da categoria compósita (Hutter & Crisp, 2005), revelando assim, que perante uma categoria que apresente um conflito para o indivíduo, estes vão fazer com que se resolva o conflito não com as informações armazenadas sobre os estímulos mas sim através de outros mecanismos alternativos. Investigações passadas estudaram a maneira como as pessoas raciocinam sobre as categorias sociais compósitas e como estes conseguem construir uma representação complexa de um conjunto de categorias simples.

Num conjunto de estudos, Kunda, Miller e Claire (1990) utilizaram tarefas de geração de atributos para examinar a forma como as pessoas combinavam categorias sociais divergentes entre si (e.g., professor de Harvard e carpinteiro). Perante estas categorias conflituosas, o indivíduo ativa um elemento de surpresa e confusão que o obriga a procurar uma explicação utilizando o raciocínio causal e a informação do mundo à nossa volta sobre as categorias em questão, na tentativa de justificar a pertença em dois grupos incongruentes.

Os seus resultados revelaram que a combinação de conceitos sociais conflituosos envolve raciocínio causal e a formação de hipóteses explicativas. Perante estas categorias, as pessoas ficam surpresas e questionam-se sobre a possibilidade de alguém pertencer a duas categorias tão diferentes uma da outra. Para responder às suas dúvidas, as pessoas vão procurar no conhecimento que têm sobre estas categorias, assim como no seu conhecimento geral para arranjar uma explicação para este problema. Desta forma, os autores encontraram atributos emergentes nas categorias compósitas, que não estavam presentes nas descrições das categorias constituintes, comprovando então o uso de raciocínio causal na criação da lista de atributos. Isto indica que na formação de impressões os sujeitos não contavam apenas com a informação de cada constituinte mas também no seu conhecimento geral sobre o mundo, revelando uma maior complexidade quando comparamos estas categorias sociais com categorias não sociais (Hampton, 1987, 1988). Estas categorias compósitas são mais modificadas através do raciocínio causal, revelando uma maior maleabilidade, uma vez que, ao colocar questões sobre uma categoria em particular, utilizamos um raciocínio causal que guia o nosso pensamento até encontrar uma justificação para a existência dessa mesma categoria (Kunda et al., 1990).

Um estudo semelhante a este é o estudo realizado por Hastie, Schoroeder e Weber (1990), onde atribuem a origem destes atributos emergentes a uma falha no processamento simples de informação que leva a um processamento mais complexo.

Neste estudo, os autores apresentam as categorias sociais compósitas e os respetivos constituintes como estando guardadas em estruturas na memória a longo prazo. Nestas estruturas podemos encontrar a informação guardada sobre o categoria (eg., género, raça), de forma organizada, refletindo a ideia central do sujeito. Assim, para analisar uma pessoa e determinar as suas características, é possível aceder às estruturas que guardam informação sobre essas categorias.

Todavia, quando as categorias não são congruentes uma com a outra, o processamento de informação não encontra nenhuma informação que consiga atribuir ao alvo, iniciando então, um tipo de processamento mais forte através de um raciocínio analógico.

Este tipo de processamento mais complexo utiliza o conhecimento que temos sobre o mundo para arranjar uma explicação para o alvo, dando origem a novos atributos que não estão presentes em nenhum dos constituintes – atributos emergentes.

Desta forma, é possível observar que estes dois estudos (Kunda et al., 1990; Hastie et al., 1990) mostraram que os sujeitos utilizam 3 métodos distintos de resolver o conflito causado pelas categorias compósitas conflitantes: hereditário (Goffman, 1963), quando um atributo é herdado de um dos seus constituintes; averaging (Anderson, 1968), onde é feita a soma dos atributos levando à sua média; e Emergentes.

Atributos Emergentes na resolução de conflito

Uma característica particular que estas categorias compósitas apresentam é a formação destes atributos emergentes. Estas propriedades são identificadas pelo sujeito como sendo características da categoria compósita mas não aparecem como sendo características dos seus constituintes (Kunda, et al., 1990; Hastie, et al., 1990). Este novo atributo representa uma mudança na forma como percebemos os estímulos (Wilkenfeld & Ward, 2001), um atributo que, nos constituintes desta categoria, não era visto como importante, surge agora nesta categoria compósita.

A temática dos atributos emergentes têm sido, então, bastante estudada com o objetivo de perceber o seu funcionamento e o papel que desempenha na formação de impressões. Wilkenfeld e Ward (2001) mostraram que existe um efeito de similaridade das categorias constituintes na

produção de atributos emergentes. Pares de categorias semelhantes apresentaram menor produção de atributos emergentes do que categorias mais diferentes, revelando assim uma estrutura de alinhamento, onde para as categorias semelhantes, seria mais fácil alinhar os seus atributos semelhantes quando processamos a informação. Enquanto que para as categorias mais diferentes, ocorreria um erro quando tentariam alinhar esta informação, resultando nos atributos emergentes. A relevância e tipicidade dos estímulos são também um fator a ter em conta (Estes & Ward, 2002). Estímulos que eram mais irrelevantes ou atípicos levaram ao aparecimento de mais atributos emergentes. Outros autores mostraram o efeito da familiaridade (Hutter & Crisp, 2005), quanto maior a familiaridade com o estímulo menor será a produção de atributos emergentes e o efeito da carga cognitiva (Hutter & Crisp, 2006) quando os participantes realizavam tarefas com uma elevada carga cognitiva apresentavam menos atributos emergentes, quando comparado com uma tarefa de menor carga cognitiva.

Mais recentemente Benrós et al., (No prelo) quiseram reproduzir os estudos de Kunda et al., (1990) e Hastie et al., (1990) utilizando uma amostra de categorias compósitas portuguesa e criar uma base de atributos emergentes para um conjunto de categorias compósitas.

Em dois estudos, elaboraram uma tarefa de geração espontânea para 24 categorias profissionais compósitas com os respetivos constituintes. Aqui, e à semelhança dos estudos mencionados, foi possível observar que os participantes utilizavam, na sua maioria, atributos herdados de uma das categorias. No entanto, foi também possível observar os atributos emergentes que não pertenciam a nenhum dos constituintes. Desta tarefa, foram escolhidas as categorias que apresentaram menos atributos herdados e mais atributos emergentes para, num segundo estudo, perguntar aos participantes qual a probabilidade desse mesmo atributo pertencer a essa categoria compósita.

Com estes dois estudos, os autores conseguiram medir a frequência dos atributos estereotípicos em categorias profissionais incongruentes e atípicas, criando uma lista de categorias ricas em conteúdo emergente.

Presente Estudo

O presente estudo tem como objetivo continuar o trabalho desenvolvido por Benrós et al., (no prelo) através de 2 experimentos baseados no seu trabalho.

Estes autores realizaram um estudo para refinar os dados adquiridos num estudo anterior onde os participantes tinham que, através de uma descrição livre, dizer como seria uma pessoa que pertencesse a uma determinada categoria compósita. Esse estudo foi necessário pois, durante o processo de descrição livre, os atributos considerados emergentes são concebidos como atributos que não fazem parte de estruturas de conhecimento prévias a que as pessoas recorrem quando descrevem as categorias sociais simples, constituintes das categorias compósitas. Contudo, o simples facto de estes atributos não serem mencionados quando os participantes descrevem as categorias compósitas, não implica que estes não tenham sido pensados pelos participantes e que, apenas, não foram mencionados. Assim, um segundo estudo é feito por estes autores para testar o processo de identificação de atributos emergentes e como é resolvido o conflito criado por duas categorias diferentes uma da outra numa mesma categoria compósita. Através de escalas de avaliação os participantes tinham de dizer se um atributo era muito ou nada característico das categorias compósitas. No entanto, como postulado por Benrós et al., (no prelo), este tipo de tarefa apresenta uma natureza muito passiva, não promovendo a criação de uma narrativa interior que utilize um raciocínio causal e, como tal, apresentariam um número reduzido de estereótipos emergentes, quando comparamos este tipo de tarefa com uma tarefa de descrição livre. Para além

disso, este tipo de tarefa parece promover a ancoragem a um dos constituintes (Tversky e Kahneman 1974).

Seguindo o mesmo procedimento de Kunda et al., (1990), Benrós et al., (no prelo) utilizaram um design entre-sujeitos nos julgamentos da categoria compósita e respectivas categorias constituintes. No entanto, apesar deste método apresentar dados mais robustos, é possível também que os atributos emergentes tenham sido subestimados e categorizados como averaged ou herdados por não cumprirem com facilidade o critério de Kunda et al., (1990), de serem estatisticamente significativos. Acresce a isto que, tendo potencialmente subjacente e envolvido, na geração de informação para as categorias compósitas, um processo de atribuição causal, um design intra-sujeitos poderia potenciar a diferenciação entre as categorias compósitas e as categorias simples subjacentes. Hastie e colegas (1990), usam um design intra-sujeitos nos julgamentos da categoria compósita e respectivas categorias constituintes. O presente estudo, para além da metodologia utilizada pelos autores, também teve em conta a metodologia utilizada por Hastie e colegas (1990), solicitando aos participantes que indicassem até que grau é que aquele atributo pertencia a um membro daquela categoria compósita e relativos constituintes, utilizando um design intra-sujeitos. No entanto, esta abordagem, uma vez que requer que os participantes vejam a probabilidade de um atributo pertencer à categoria compósita e relativos constituintes, é possível que os efeitos de emergência observados sejam derivados de efeitos de ancoragem, assimilação e contraste.

Ancoragem – Assimilação e Contraste

O ser humano, quando comunica entre si, apresenta pontos de referência (âncoras) que podem gerar 2 efeitos opostos – assimilação, que aproxima o nosso julgamento ao julgamento

inicial e contraste, que afasta o nosso julgamento do julgamento inicial (Sherif, Taub & Hovland, 1958). Responder a uma questão em específico aumenta o acesso a informação relevante. Esta informação, uma vez ativada, é mais facilmente acedida nos julgamentos relacionados seguintes (Schwartz, Strack & Mai, 1991). Sherif, Taub e Hovland (1958) revelaram que um fator que leva à assimilação ou contraste é a distância relativa ao estímulo inicial. Se um estímulo fosse apresentado logo a seguir ao ponto de referência (âncora) seria possível observar um efeito de assimilação. Por outro lado, se estas âncoras fossem colocadas afastadas do estímulo, seria possível observar um efeito de contraste.

Sigall e Landy (1973) explicam a existência do efeito de assimilação através de inferências cognitivas. Estes autores mostraram como é que um indivíduo não muito atraente é avaliado de uma forma mais favorável quando o seu parceiro é considerado mais atraente explicando que este sujeito, ao ter um parceiro atraente, terá que ter outras características positivas que o possam favorecer. Tversky e Kahneman (1974) sugerem que através de ancoragem e ajustamento, uma pessoa vai ancorar o seu julgamento a uma impressão inicial ajustando o seu julgamento ao estímulo inicial, levando a uma assimilação.

É possível observar ainda que estes efeitos comportam-se de forma diferente quando os estímulos são apresentados simultaneamente em vez de sucessivamente. Wedell, Parducci e Geiselman (1987) mostraram, através de uma tarefa para avaliar caras atrativas, que uma cara considerada pouco atrativa ao ser colocada ao lado de uma cara considerada atrativa, seria avaliada como mais atrativa do que se tivesse sido apresentada individualmente. Mellers e Birnbaum (1982) revelaram que quando são apresentados vários estímulos seguidos, é possível observar um efeito de assimilação com os estímulos adjacentes mas que de uma forma geral será prevalente o efeito de contraste.

Estudo 1

Metodologia

Num primeiro estudo, vai ser repetido o segundo estudo realizado por Benrós et al. (no prelo), utilizando uma metodologia mista entre Kunda et al., (1990) e Hastie et al., (1990), tentando atenuar as questões de ancoragem, assimilação e contraste acrescentando 2 condições diferentes de apresentação: aleatória e agrupada. Estas duas condições foram testadas com o objetivo de ver qual delas potenciaria a geração de mais atributos emergentes para ser utilizado em estudos futuros. Aqui, seria espectável que na condição agrupada, obtivéssemos um maior número de atributos emergentes. Os participantes ao verem a categoria compósita e os respetivos constituintes iriam criar um conflito promovendo a utilização de um raciocínio causal e evitar a ancoragem a uma das categorias constituintes.

Participantes

Neste primeiro estudo participaram 120 estudantes da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Pela sua participação receberam um crédito na disciplina de Psicologia Social. A participação foi feita através da plataforma Qualtrics, onde os participantes responderam aos diferentes links.

Material

Para este estudo foram utilizadas 4 categorias compósitas, tendo estas sido criadas por Benrós et al. (no prelo). Estas categorias foram criadas através de um procedimento de geração

espontânea por uma pequena amostra. A partir dos grupos gerados foram aplicados os critérios de Kunda et al., (1990), sendo estes: As categorias não podiam ser impossíveis, não podiam ser contraditórias e não podiam ser frequentemente associadas. Assim, seguindo estes critérios foi possível chegar a uma lista de 24 categorias profissionais compósitas (e as respectivas constituintes 48 categorias simples). No entanto, esta lista era demasiado longa, podendo tornar a tarefa demasiado cansativa e por consequente influenciar os dados. Os autores procederam então à eliminação das categorias que tinha gerado mais atributos herdados e aquelas que geraram menos de cinco atributos, pois, ao produzirem muitos atributos herdados podem revelar uma possível incapacidade para gerar atributos emergentes, levando os participantes a ancorar a um dos seus constituintes. Assim, os autores chegaram a uma lista de 12 categorias compósitas profissionais.

De acordo com o critério usado previamente, no presente estudo foram seleccionadas as 4 categorias que tinham gerado mais atributos emergentes das 12 criadas pelos autores mencionados anteriormente: Ecologista - Talhante, Engenheiro Químico - Professor Tai Chi, Escritor - Personal Trainer e Padre - Segurança de Discoteca.

Procedimento

Foi seguido um procedimento idêntico ao de Kunda e colaboradores (1990) e Benrós et al. (no prelo) Para os 4 estereótipos compósitos, foi utilizada uma lista construída pelos autores com o total dos atributos gerados que caracterizavam a categoria compósita ou um dos seus constituintes. Desta forma, os participantes tinham que dizer qual a probabilidade de uma pessoa daquela categoria possuir o atributo em questão utilizando uma escala likert de 7 pontos (1- nada; 7-muito).

O estudo correu na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, onde participavam 8 estudantes de cada vez. Os dados foram recolhidos na plataforma Qualtrics tendo sido criados 4 questionários diferentes: (1) 2 questionários para a condição agrupada, onde os participantes viam o estereótipo compósito e os seus constituintes na mesma página para cada atributo julgado; e (2) 2 questionários para a condição Aleatório, onde cada página tinha apenas o estereótipo compósito ou uma das suas categorias constituintes para cada atributo julgado.

Resultados

Foram obtidas as médias dos ratings para cada atributo nas diferentes categorias (compósitas e constituintes) e respectivos níveis de significância para as diferenças entre os valores médios de cada constituinte. Estes valores podem ser consultados nos Anexos 1 e 2, para as diferentes condições de apresentação, agrupada e aleatória.

Seguindo um procedimento idêntico ao de Kunda et al., (1990) e Benrós et al. (no prelo), os atributos foram classificados da seguinte maneira:

1. Um atributo pode ser classificado como Herdado se este apresentar uma diferença significativa no valor médio num dos constituintes mas não no outro: e.g., amigável apresentou um valor médio de 4 para o estereótipo compósito Ecologista – Talhante. Este atributo é herdado do constituinte Talhante (4.31; $p = .39$) e não do constituinte Ecologista (4.97; $p = .01$);
2. Se o valor obtido estivesse entre os valores dos constituintes e apresentasse uma diferença significativa de ambos ou de nenhum, o atributo seria definido como Averaged: e.g., calmo apresentou um valor médio de 5.57 para o estereótipo compósito

Engenheiro Químico – Professor Tai Chi. Este atributo é considerado averaged pois está entre o constituinte Engenheiro Químico 4.20 ($p = .00$) e Professor Tai Chi 6.43 ($p = .00$);

3. Em certos casos, é possível observar que o valor médio do atributo para a combinação ultrapassa ambos os constituintes mas não apresenta diferenças estatísticas de nenhum deles. Nestes casos os atributos foram definidos como Ambíguos: respeitável apresentou um valor médio de 4.40 para o estereótipo composto Padre – Segurança de Discoteca. Este atributo é ambíguo pois para o constituinte Padre apresenta o valor médio de 5.13 ($p = .14$) e para o constituinte Segurança de Discoteca 4.83 ($p = .35$);

4. Por último, os atributos podem ser classificados como Emergentes se os valores médios apresentados pelo estereótipo composto for significativamente maior ou menor do que os valores obtidos para os constituintes: e.g., incoerente apresentou um valor médio de 5.57 para o estereótipo composto Ecologista – Talhante. Este atributo é considerado emergente pois apresenta valores significativamente superiores ao constituinte Ecologista 3.07 ($p = .00$) e Talhante 3,62 ($p = .00$).

Utilizando este critério, Benrós et al. (no prelo), obtiveram 9 atributos emergentes no seu estudo. Com o mesmo critério e para as 4 categorias retiradas do estudo destes autores, obtivemos 6 atributos emergentes na condição Agrupado e 5 na condição Aleatório. As diferenças entre as duas condições vão ser discutidas mais adiante.

Seguindo um critério semelhante ao de Hastie et al., (1990) foi definido que um atributo seria considerado como emergente se o valor médio se situasse fora do intervalo de valores para

as duas categorias constituintes. Uma vez que não havia um valor de diferença estabelecido pelos autores, considerou-se que se existisse uma diferença igual ou superior a 0.40 entre o valor médio do estereótipo composto e os valores dos constituintes desse mesmo estereótipo, esse mesmo atributo seria considerado emergente. No caso em que esse valor fosse menor do que .40, seria um atributo considerado herdado. Já que não se distinguia de acordo com o critério de uma das categorias constituintes. Assim é possível observar um aumento do número de emergentes para os estereótipos compostos quando comparado com o critério de Kunda e colaboradores (1990), mencionado anteriormente (Anexo 3). No critério utilizado por Kunda e colaboradores (1990) é possível observar que na condição Agrupado temos 6 atributos emergentes e na condição Aleatório temos 5. Segundo o critério de Hastie et al. (1990), na condição Agrupado temos 12 atributos emergentes e na condição Aleatório temos 13.

Relativamente aos atributos Herdados, existe uma redução deste tipo de atributos quando comparamos com o critério utilizado anteriormente (Anexo 4)

Foi também utilizado uma nova metodologia “Nova Classificação” (Anexo 1; Anexo 2) que tinha como objetivo avaliar as características individuais dos participantes. No entanto esta metodologia apresentou resultados muito semelhantes aos resultados obtidos pela metodologia de Kunda et al. (1990).

Diferenças entre Agrupado e Aleatório:

Relativamente aos atributos emergentes, não existe qualquer diferença entre as condições Agrupado e Aleatório. O número de atributos considerados emergentes foi sempre igual em ambas as condições à exceção da categoria composta Padre – Segurança de Discoteca onde é possível observar uma pequena redução da condição agrupado (3) para a condição aleatório (2). O mesmo

é possível observar para os atributos considerados ambíguos, onde são observadas apenas pequenas diferenças de uma condição para a outra.

No entanto, é possível observar uma diferença entre os atributos herdados e os atributos averaged. Da condição agrupado para a condição aleatório é possível observar um aumento dos atributos herdados e, como consequência, uma diminuição dos atributos averaged: e.g., para a categoria compósita Ecologista - Talhante existe um aumento de 11 atributos da condição agrupado (10) para a condição aleatório (21), enquanto que os atributos averaged apresentam uma redução de 10 atributos da condição agrupada (15) para a condição aleatória (5). Este efeito não se verificou na categoria compósita Engenheiro Químico – Professor Tai Chi, onde foi possível observar uma ligeira diminuição dos atributos herdados da condição agrupado (11) para a condição aleatório (10) e um ligeiro aumento dos atributos averaged da condição agrupado (8) para a condição aleatório (9).

Estudo 2

Metodologia

Num segundo estudo vamos realizar uma tarefa de geração espontânea tal como Kunda et al., (1990) e Benrós et al., (no prelo). Aqui, os autores mostraram a importância do uso da descrição livre e da criação de listas de atributos na origem dos atributos emergentes. Este tipo de abordagem permite mostrar como é que os participantes formam imagens mentais de pessoas que pertencem a categorias sociais surpreendentes, inusitadas e sem precedente. O nível de surpresa das categorias é importante pois este está relacionado com a facilidade de utilizar o raciocínio causal para a descrição das categorias (Kunda et al., 1990). Ao entrar neste raciocínio causal os participantes vão aceder a informações de ambas as categorias profissionais simples mas também vão usar

conhecimento do mundo à sua volta, gerando potencialmente informação nova que não está ligada a nenhuma das categorias simples, os chamados atributos emergentes.

No entanto, nos seus estudos, os autores não apresentam condições onde possam averiguar mais diretamente os efeitos do uso do raciocínio causal. Assim, neste nosso segundo estudo, foi pedido aos participantes para descreverem três categorias compósitas diferentes onde uma das categorias constituintes se mantinha constante, com o objetivo de realçar a natureza causal dos atributos emergentes gerados e o papel desempenhado por uma categoria simples em diferentes contextos (de categorias compósitas). Esta categoria constituinte que se repetia ocupou sistematicamente o mesmo lugar em ordem na parelha de categorias constituintes da categoria compósita, no caso, o segundo lugar.

Assim sendo, seria de esperar que os sujeitos apresentassem atributos emergentes diferentes nas 3 categorias compósitas, realçando o impacto causado pela categoria igual.

Participantes

Este estudo contou com 60 participantes, 20 para cada condição (20 Ecologista-Talhante, 20 Padre-Talhante e 20 Segurança de Discoteca-Talhante).

Material

Partiu-se das categorias criadas por Benrós et al. (no prelo), descritas no estudo anterior. Com base nas mesmas foram criadas 3 categorias compósitas onde uma das categorias constituintes se mantinha constante em todas as categorias compósitas: Ecologista-Talhante, Padre-Talhante e Segurança de Discoteca-Talhante. No final do estudo, recorreu-se também às listas de atributos gerados para cada uma das categorias simples utilizadas, previamente obtida

pelos mesmos autores, num estudo anterior. Esta lista resultou do estudo em que estes autores pediram aos participantes para descrever um membro de cada categoria compósita e de cada categoria constituinte, gerando atributos. Desta forma, os atributos gerados neste estudo foram comparados a essa lista obtida em estudos anteriores.

Procedimento

O estudo foi realizado no laboratório experimental da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, onde os participantes responderam ao questionário na plataforma Qualtrics, sendo recompensados com vouchers no valor de 5 euros cada. Os dados foram recolhidos através de 3 questionários (um para cada estereótipo compósito) na plataforma Qualtrics.

Este estudo estava dividido em 3 partes. Numa primeira parte foi pedido aos participantes para descrever livremente, com o maior detalhe possível, um membro da categoria apresentada. Na segunda parte era pedido para gerarem no máximo 5 traços que fossem característicos dessa pessoa. E no final, os participantes tinham que responder numa escala de likert de 5 pontos quão difícil foi para eles fazer a descrição e gerar os atributos e o quão surpresos ficaram por ver essa categoria.

No final, seguimos um procedimento idêntico ao de Kunda et al., (1990) e Benrós et al. (no prelo). Foi construída uma lista com todos os atributos gerados por pelo menos três participantes na descrição da categoria, compósita ou uma das suas categorias constituintes, para proceder posteriormente à classificação destes atributos gerados.

Resultados

Dos 60 participantes deste estudo, apenas 1 não fez a descrição do sujeito e apenas 1 revelou ter dificuldade em pensar em tal sujeito. Assim, é possível observar que de uma forma geral os participantes não tiveram grande dificuldade em descrever pessoas das categorias compósitas. Além disso, verifica-se que alguns dos participantes utilizaram um raciocínio causal enquanto descreviam estes sujeitos. Um dos participantes descreveu um sujeito que pertencia à categoria Ecologista – Talhante da seguinte maneira:

“Esta pessoa, apesar de vender carne, tentará escolher a mesma de forma ecológica, ou seja, tentará compra-la a fornecedores os quais não sobre-exploram os animais e os maltratam e terão consciência da quantidade de carne comprada para o seu talho.”

É possível observar que o participante liga as duas categorias utilizando conhecimentos adquiridos sobre o mundo que ultrapassam as duas categorias simples. Desta forma, consegue dar um sentido a esta ligação incoerente, resolvendo o conflito interior. Os restantes exemplares das descrições podem ser consultados no Anexo 9, Anexo 10 e Anexo 11.

Codificação dos atributos

Para cada estereótipo compósito foi criada uma lista com os atributos gerados (Anexo 5; Anexo 6). Para construir esta lista foram contados os atributos mencionados para as categorias compósitas, sendo que os atributos considerados sinónimos foram contados apenas uma vez.

Após a construção desta lista, os atributos das categorias compósitas foram comparados com a lista das categorias simples elaborada por Benrós et al., (no prelo) e, com base nessa comparação classificados em emergentes e herdados. Se um atributo fosse mencionado 3 ou mais

vezes para a categoria compósita e não fosse mencionada para nenhum dos seus constituintes, este tributo seria classificado como emergente. Por outro lado, se um atributo fosse mencionado 3 ou mais vezes para a categoria compósita e mais de 2 vezes para um dos seus constituintes, este atributo seria classificado como herdado.

Atributos Gerados

No total, entre as 3 categorias compósitas, foram gerados 19 atributos emergentes, Ecologista – Talhante com 7, Padre – Talhante com 7 e Segurança de Discoteca – Talhante com 5. Analisando estas três categorias compósitas é possível observar que não existe nenhum estereótipo emergente que se repita entre as categorias utilizadas. A lista completa destes atributos pode ser consultada no Anexo 5.

A categoria Ecologista – Talhante foi também utilizada no estudo de Benrós et al., (no prelo) onde os autores utilizaram também a categoria Talhante – Ecologista. Nesta categoria, os autores obtiveram 4 estereótipos compósitos (Incoerente, Empenhado, Versátil e Hipócrita) na primeira e 5 (Incoerente, Hipócrita, Metódico, Desonesto e Esforçado) na segunda. Relativamente ao estudo atual foram obtidos 7 estereótipos compósitos para a categoria Ecologista – Talhante (Anexo 5) das quais 3 estão presentes nas 2 listas mencionadas anteriormente.

Relativamente aos atributos herdados, no total foram criados 14, Ecologista – Talhante com 4, Padre – Talhante com 4 e Segurança de Discoteca – Talhante com 6. Aqui, ao contrário dos emergentes, é possível observar que existe um atributo que se repete nas 3 categorias – Trabalhador, sendo este herdado da categoria simples Talhante (Anexo 6).

Surpresa e Dificuldade na geração de atributos

No final do estudo, os participantes tinham que responder a duas escalas de 1 a 7 sobre o quão surpresos tinham ficado por pensarem numa pessoa que fizesse parte de duas categorias conflitantes e quão difícil tinha sido arranjar atributos para o descrever.

Desta forma, foi feita uma codificação dos antecedentes causais. Se o participante tivesse utilizado um antecedente causal enquanto descrevia um membro de uma categoria compósita, ou seja, se o participante tivesse utilizado o seu conhecimento sobre o mundo para descrever este sujeito, era atribuído o número 1 (sim, utilizou antecedentes causais). Caso não se verificasse o uso destes antecedentes era atribuído o número 2 (não utilizou antecedentes causais). Para evitar qualquer tipo de enviesamentos, a codificação dos antecedentes causais foi feita por duas pessoas e discutido entre si, sendo que os casos que levantaram dúvidas foram discutidos até chegar a um consenso.

Foram calculados os valores médios da escala surpresa e dificuldade para cada categoria compósita, sendo estes valores, respetivamente 4.63 e 4.70 para a categoria Ecologista – Talhante, 5.21 e 5.45 para a categoria Padre – Talhante e 4.21 e 4.10 para a categoria Segurança de Discoteca – Talhante (Anexo 8). Após calculados os valores médios, foi feita a correlação das 2 escalas mencionadas com a presença/ausência de antecedentes causais nas descrições geradas pelos participantes. Na escala da surpresa foi obtida uma correlação negativa moderadamente elevada ($r = -.50$) para a categoria Ecologista – Talhante, no sentido em que quanto menor a surpresa avaliada menor a inclusão de antecedentes causais. No entanto, as outras categorias revelaram correlações muito baixas com $r = .04$ para Padre – Talhante e $r = .11$ para Segurança de Discoteca – Talhante. Relativamente à escala de dificuldade as categorias Ecologista – Talhante e Padre – Talhante obtiveram correlações positivas moderadamente fracas com $r = .35$ e $r = .32$, respetivamente, no sentido em que quanto maior a dificuldade sentida maior a inclusão de antecedentes causais nas

descrições. A categoria Segurança de Discoteca – Talhante apresentou uma correlação muito fraca, $r = .12$, também no sentido positivo.

Discussão

Através destes dois estudos tentámos continuar o trabalho realizado por Benrós et al., (no prelo). Os estudos consistiram numa tarefa de julgamento através de escalas de avaliação, em que os participantes tinham de avaliar a probabilidade de um atributo pertencer a uma categoria compósita e respectivas categorias constituintes, em 2 condições de apresentação diferentes (Aleatório e Agrupado); e uma tarefa para gerar atributos onde uma das categorias constituintes era igual nas três categorias compósitas.

No primeiro estudo foi utilizada uma metodologia semelhante à utilizada por Kunda et al., (1990), Hastie et al., (1990) e Benrós et al., (no prelo). Através das escalas de avaliação, avaliámos se os participantes julgavam os atributos como pertencendo à categoria compósita e às respectivas categorias constituintes dessa mesma categoria, variando a condição de apresentação das escalas de avaliação entre Aleatório e Agrupado. Esta manipulação da condição de apresentação visava explorar qual das apresentações potenciava o surgimento de atributos emergentes. O racional subjacente foi que os participantes, num design intra-indivíduo, e perante o conflito intrínseco da categoria compósita iriam estar motivados para entrar num processamento mais causal, que tipicamente envolve maior deliberação e esforço cognitivo, e não se iriam ancorar às categorias constituintes. Uma hipótese exploratória é que isso aconteceria fundamentalmente na condição de apresentação agrupada da categoria compósita e suas categorias constituintes. Nesta condição, os participantes são confrontados simultaneamente com os seus julgamentos relativamente à categoria compósita e suas constituintes. Potencialmente poderia tender a minimizar os efeitos de

ancoragem, que numa condição de apresentação aleatória da categoria compósita e suas categorias constituintes poderia estar mais presente, uma vez que os participantes têm sempre acesso às categorias simples que constituem a categoria compósita e não tenderiam a diferenciar os seus julgamentos relativamente às 3 categorias (compósita e respectivas constituintes).

Os resultados mostraram que, em termos de atributos emergentes, não houve qualquer diferença entre as diferentes metodologias ou condições de apresentação. No entanto, foi possível observar que na condição agrupada, os participantes faziam mais *average* dos atributos, podendo esta ser uma evidência de que assimilaram à categoria compósita os atributos das duas constituintes, encontrando um ponto médio (Anderson, 1981). Desta forma geraram menos informação emergente, nova e distinta. Na condição aleatória, os participantes utilizaram mais atributos herdados, mostrando que, não estando a categoria compósita presente, recorriam a um dos constituintes para ajudar a gerar atributos sobre a categoria compósita.

Genericamente estes resultados sugerem que as escalas de avaliação não promovem um raciocínio causal e, fundamentalmente, é possível que conduzam a um efeito de ancoragem às categorias constituintes, apresentando resoluções diferentes com base na apresentação ser agrupada (apresentam mais *averaging*) ou aleatória (apresentam mais *herdados*).

Assim, para tentar ultrapassar as dificuldades apresentadas por uma metodologia que recorreu às escalas de avaliação no primeiro estudo, foi realizado um segundo estudo onde os participantes tinham uma tarefa de geração de traços (muito semelhante à metodologia inicial sugerida por Kunda et al., 1990). A inovação relativamente ao estudo destes autores (Kunda et al., 1990), e em relação a Hastie e colaboradores (1990) e Benrós e colaboradores (no prelo), foi que no presente estudo quisemos evidenciar exactamente a natureza causal inerentes à descrição e caracterização de categorias compósitas e para tal foram apresentadas 3 categorias compósitas que

variavam apenas no facto de uma das categorias constituintes ser igual em todas as categorias compósitas. Foi pedido aos participantes que elaborassem uma breve descrição e arranjassem até 5 traços sobre um membro de uma categoria compósita com duas categorias constituintes conflitantes.

Se de facto a natureza destas categorias compósitas é promover o raciocínio causal e a geração de atributos emergentes capazes de resolver o conflito inerentes às categorias constituintes, então esperar-se-ia que uma mesma categoria simples num contexto de uma categoria simples diferente conduzisse a emergentes diferentes, a uma descrição divergente e, provavelmente, conduzisse a *averaging* e a geração de *herdados* que se distinguísse entre as 3 categorias compósitas.

Foi possível observar que no total, os participantes geraram 19 atributos emergentes (entre as 3 categorias compósitas). A categoria compósita Ecologista – Talhante que é a categoria comum nos 2 estudos aqui realizados, apresentou 7 atributos emergentes neste estudo, enquanto que no primeiro estudo conduziu a gerar 2 atributos emergentes de acordo com a metodologia da Kunda et al., (1990) e de acordo com a Nova Classificação (independentemente da condição ser Agrupado ou Aleatório), e 5 atributos emergentes de acordo com a metodologia de Hastie et al., (1990), na condição agrupado, e 6 atributos emergentes na condição aleatória.

Assim, a descrição livre potenciou a geração de mais atributos emergentes e exclusivos, apesar da metodologia proposta por Hastie et al., (1990) apresentar resultados muito próximos.

Relativamente à comparação entre as 3 categorias compósitas, podemos dizer que os atributos emergentes gerados diferiram bastante entre categorias, uma vez que não foram encontrados atributos emergentes comuns entre as 3 categorias. Mesmo os atributos herdados, dependendo do contexto da categoria compósita, diferiram substancialmente, sendo que apenas o

atributo Trabalhador estava repetido nas 3 categorias. Sugerindo assim que, perante um contexto diferente, a mesma categoria simples é pensada de forma diversa e conduz a um raciocínio causal potencialmente diferente.

Investigações futuras

Estabilidade Temporal das Categorias Compósitas

Os estereótipos revelam uma instabilidade considerável, e, apesar dos atributos mais típicos serem mais consensuais, a sua natureza parece ser permeável ao contexto, não suportando a ideia de uma estrutura estável e permanente mas sim uma instabilidade que resulta do contexto momentâneo em que surgem estes estereótipos.

No entanto, o raciocínio causal associado à geração dos atributos emergentes no caso das categorias compósitas e a dificuldade a gerá-los pode conduzir a um maior acesso introspectivo dos processos que levaram à sua geração e, conseqüentemente, a uma maior facilidade na sua recordação ou geração outra vez, conduzindo a uma maior estabilidade teste-reteste.

Assim, as propriedades intrínsecas dos atributos emergentes de estereótipos compósitos podem levá-los a que estes atributos sejam mais estáveis ao longo do tempo, apresentado um estatuto semelhante aos atributos gerados vs lidos na literatura sobre a memória e monitorização da fonte (Johnson & Raye, 1981).

Existem diversas dimensões para as fontes de memórias, por exemplo, contexto ambiental e temporal; a forma como são apreendidas (uma frase ouvida, escrita ou imaginada); e o agente que participou nessa memória (Johnson & Raye, 1981; Lindsay & Johnson, 1989; Lindsay, 2008).

As informações que guardamos como memórias são produto de várias operações cognitivas que dão origem às experiências contínuas. Os traços de memória de todos os eventos estão

distribuídos por múltiplos subsistemas de processamento. Por exemplo, ler uma palavra apresenta características de processamento mais simples, genéricas, automáticas (e.g., figura, identificar as letras, a formas das letras) como também apresenta características mais complexas, abstratas e que requerem esforço para a sua compreensão (e.g., compreender a relação entre uma palavra e outra palavra apresentada anteriormente). Estes processos apresentam efeitos duradouros no processamento dos subsistemas (Lindsay, 2008).

Vários fatores podem influenciar quais as características que são lembradas de eventos passados. Se uma resposta requer mais esforço ou procura, as informações que temos guardadas destas operações devem tornar-se uma potencial pista para a fonte dessa memória (Johnson & Raye, 1981). Num conjunto de estudos, estes autores concluíram que ao mostrar a primeira letra de uma palavra numa tarefa para gerar palavras levava a um processo mais automático do que quando não era mostrada a primeira letra. Nesta última condição, os participantes mostravam um maior esforço cognitivo para gerar as palavras e como tal apresentavam um aumento de identificações correctas da origem dessas palavras em estudos futuros.

Usando este racional, sugiro uma tarefa de teste-reteste em que seriam apresentadas, numa fase inicial, as categorias compósitas, aqui os participantes teriam 2 situações distintas, numa os participantes teriam acesso a uma lista de atributos sobre essa categoria (incluindo emergentes, outros atributos gerados em pré-testes e irrelevantes e seus respectivos antónimos), e noutra situação os participantes não teriam acesso a nenhuma lista e teriam que gerar uma lista de atributos sobre essa categoria. Noutra fase deste estudo, os participantes seriam novamente abordados sobre estas categorias compósitas e ser-lhes-ia pedido que gerassem os atributos que caracterizam o estereótipo compósito.

Assim, e seguindo a lógica do estudo mencionado anteriormente, seria de esperar que os atributos emergentes na condição gerados apresentassem maior estabilidade na condição , uma vez que esta condição requereu um maior esforço cognitivo aquando da sua geração através da utilização de uma raciocínio causal.

Direccionalidade dos Estereótipos Emergentes

Quando pensamos em estereótipos, temos tendência a achar que é tudo muito linear. Vejo um indivíduo que pertence a uma categoria, a activação desse rótulo da categoria activa atributos estereotípicos que explicam a pertença desse indivíduo ao grupo. No entanto, estudos recentes (Cox e Devine, 2015) têm demonstrado que nem sempre é assim tão linear. Nos seus estudos mostraram um modelo heterogéneo para explicar a direccionalidade dos estereótipos. Assim os estereótipos, para além da clássica ligação Grupo \rightarrow Estereótipo, alguns grupos podem apresentar bi-direccionalidade Grupo \rightleftarrows Estereótipo, como podem apresentar uma uni-direccionalidade Estereótipo \rightarrow Grupo. De acordo com este modelo, a direccionalidade é uma característica fundamental dos estereótipos e do processo de formação de impressões.

A ideia base deste estudo seria reverter a ordem do primeiro estudo feito aqui. Ou seja, em vez de pedir a um participante para gerar descrições de uma categoria compósita, era pedido aos participantes para gerarem categorias compósitas com base nas descrições. No entanto, é provável que os participantes não consigam gerar estas categorias compósitas cujas categorias constituintes são inconsistentes entre si, uma vez que não tem informações sobre esta categoria compósita disponíveis na sua memória. Desta forma, para combater este problema, teria que ser realizado uma tarefa de teste-reteste tal como na proposta anterior.

Numa fase inicial de teste, os participantes iriam ter duas categorias compósitas, apresentadas sequencialmente, sobre as quais seria apresentada uma, de duas condições. O participante poderia ter a condição onde teria uma lista de atributos ou outra onde não teria uma lista de atributos, mas teria que gerá-la. Assim, o participante já teria informações guardadas sobre estas categorias para realizar a tarefa seguinte. Num reteste, seriam mostrados exemplares membros da categoria compósita e seria medido até que ponto é que o participante geraria a categoria compósita com base nessas descrições de exemplares. Estas descrições poderiam variar entre si, umas poderiam ter atributos emergentes na sua descrição, para além de atributos averaging e herdados, e outras poderiam omitir estes atributos.

Seria esperado que os participantes que vissem as descrições onde estavam presentes os atributos emergentes recordassem com mais facilidade a categoria compósita do que os participante que lessem as descrições sem os atributos emergentes, principalmente na condição em que no teste geraram os atributos, quando comparada com a condição em que leram a lista de atributos.

Dispersão percebida dos Atributos

A dispersão percebida influencia a forma como a informação dos grupos ou a informação individual é utilizada nos julgamentos das pessoas, sendo este um parâmetro essencial na representação dos grupos sociais (Park, Judd & Ryan, 1991)

Assim, seria interessante observar o nível de acordo intra sujeito relativamente à dispersão percebida e à tendência central percebida, nomeadamente dos atributos emergentes. Assim como a avaliação, em escalas bipolares, da importância e da centralidade dos atributos. Os atributos

escolhidos seriam os resultantes da lista de categorias compósitas elaborada por Benrós et al., (no prelo)

Desta forma pretende-se saber a importância e centralidade que o indivíduo associa aos estereótipos emergentes enquanto atributos característicos de uma categoria compósita. Adicionalmente, será mais perceptível através destas medidas compreender as nuances que estes atributos emergentes assumem, dependendo do contexto em que se inserem. Por exemplo, a característica emergente Desonesto pode ser vista como muito central para a categoria compósita Ecologista-Talhante, mas pode ser vista como nada central para a categoria compósita Engenheiro Químico-Professor Tai-Chi.

Nesta tarefa seria pedido aos participantes para olharem para os traços gerados (atributos herdados, emergentes e irrelevantes) de cada categoria compósita, retirados das listas de categorias compósitas e respetivos atributos criadas por Benrós et al., (no prelo), e que indicassem até que ponto cada atributo é importante e central para a impressão geral do grupo. A avaliação de cada característica seria feita em duas escalas bipolares de 9 pontos, 1 (Nada Central) e 9 (muito central) e outra 1 (nada importante) e 9 (muito importante).

Seria de esperar que os estereótipos emergentes apresentassem uma menor dispersão, mas uma maior centralidade uma vez que estes atributos emergentes servem como atributos diagnósticos da categoria compósita,

Conclusão

As investigações feitas sobre a geração de atributos emergentes nas categorias compósitas são bastante úteis para fornecer informações sobre como estes atributos são criados e desenvolvidos na mente humana.

Nestes estudos tivemos como objetivo continuar o trabalho desenvolvido até agora por diversos autores relacionado com a geração de atributos emergentes nas categorias compósitas. Tivemos como objetivo encontrar a melhor metodologia que conseguisse potenciar a geração deste tipo de atributos e esperamos que os resultados aqui presentes possam ser úteis em investigações futuras relacionadas com os atributos emergentes e todos os processos envolvidos na sua geração.

Referências Bibliográficas

- Anderson, N. H. (1965). Averaging versus adding as a stimulus-combination rule in impression formation. *Journal of experimental psychology*, 70(4), 394.
- Anderson, N. H. (1981). *Foundations of information integration theory* (Vol. 578). New York: Academic Press.
- Asch, S. E., & Zukier, H. (1984). Thinking about persons. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46(6), 1230.
- Benrós, M. F., Vaz, A. R., Assunção, H., Santos, A. S., Palma, T. A., & Garcia-Marques, L. (no prelo). Generation and testing of emergent traits in composite professional stereotypes. *Análise Psicológica*.
- Bodenhausen, G. V., & Macrae, C. N. (1998). Stereotype activation and inhibition. *Stereotype activation and inhibition: Advances in social cognition*, 11, 1-52.
- Bodenhausen, G. V., Todd, A. R., & Becker, A. P. (2007). Categorizing the social world: Affect, motivation, and self-regulation. In B. H. Ross & A. B. Markman (Eds.), *Psychology of learning and motivation* (Vol. 47, pp. 123–155). Amsterdam, the Netherlands: Elsevier.
- Brewer, M. B., Dull, V., & Lui, L. (1981). Perceptions of the elderly: Stereotypes as prototypes. *Journal of personality and social psychology*, 41(4), 656.
- Bussemeyer, J. R., Dewey, G. I., & Medin, D. L. (1984). Evaluation of exemplar-based generalization and the abstraction of categorical information. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, 10(4), 638.
- Cox, W. T., & Devine, P. G. (2015). Stereotypes possess heterogeneous directionality: A theoretical and empirical exploration of stereotype structure and content. *PloS one*, 10(3), e0122292.

Crisp, R. J. (2002). Social categorization: Blending the boundaries. *The Psychologist*, 15, 612–615.

Crisp, R. J., & Hewstone, M. (2007). Multiple social categorization. *Advances in experimental social psychology*, 39, 163-254.

Devine, P. G., & Baker, S. M. (1991). Measurement of racial stereotype subtyping. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 17(1), 44-50.

Estes, Z., & Ward, T. B. (2002). The emergence of novel attributes in concept modification. *Creativity Research Journal*, 14(2), 149-156.

Fiske, S. T., & Neuberg, S. L. (1990). A continuum model of impression formation from category based to individuating process: Influences of information and motivation on attention and interpretation.

Garcia-Marques, L., & Mackie, D. M. (1999). The impact of stereotype incongruent information on perceived group variability and stereotype change. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77, 979–990.

Garcia-Marques, L., Santos, A. S. C., & Mackie, D. M. (2006). Stereotypes: Static abstractions or dynamic knowledge structures?. *Journal of personality and social psychology*, 91(5), 814.

Gilbert, G. M. (1951). Stereotype persistence and change among college students. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 46(2), 245.

Goffman, E. (1963). *Stigma: Notes on the management of spoiled identity*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.

Hamilton, D. L., & Sherman, J. W. (1994). Stereotypes. Em R. S. Wyer, Jr., & T. K. Srull (Eds.), *Handbook of social cognition* (2nd ed., Vol. 2, pp. 1–68). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Hampton, J. A. (1987). Inheritance of attributes in natural concept conjunctions. *Memory & Cognition*, 15(1), 55-71.

Hampton, J. A. (1988). Overextension of conjunctive concepts: Evidence for a unitary model of concept typicality and class inclusion. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, 14(1), 12.

Hastie, R., Schroeder, C., & Weber, R. (1990). Creating complex social conjunction categories from simple categories. *Bulletin of the Psychonomic Society*, 28(3), 242-247.

Hogg, M. A. (2000). Subjective uncertainty reduction through self-categorization: A motivational theory of social identity processes. *European Review of Social Psychology*, 11, 223–255.

Hutter, R. R., & Crisp, R. J. (2005). The composition of category conjunctions. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 31(5), 647-657.

Hutter, R. R., & Crisp, R. J. (2006). Implications of cognitive busyness for the perception of category conjunctions. *The Journal of social psychology*, 146(2), 253-256.

Johnson, K. L., Gill, S., Reichman, V., & Tassinari, L. G. (2007). Swagger, sway, and sexuality: Judging sexual orientation from body motion and morphology. *Journal of personality and social psychology*, 93(3), 321.

Johnson, M. K., & Raye, C. L. (1981). Reality monitoring. *Psychological review*, 88(1), 67.

Karlins, M., Coffman, T. L., & Walters, G. (1969). On the fading of social stereotypes: studies in three generations of college students. *Journal of personality and social psychology*, 13(1), 1.

Klein, S. B., Loftus, J., Trafton, J. G., & Fuhrman, R. W. (1992). Use of exemplars and abstractions in trait judgments: A model of trait knowledge about the self and others. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63(5), 739.

Kunda, Z., Miller, D. T., & Claire, T. (1990). Combining social concepts: The role of causal reasoning. *Cognitive Science*, 14(4), 551-577.

Lindsay, D. S. (2008). Source monitoring. In Byrne, J. H. (2008). *Learning and memory: a comprehensive reference*. Academic Press. 325-347.

Lindsay, D. S., & Johnson, M. K. (1989). The eyewitness suggestibility effect and memory for source. *Memory & Cognition*, 17(3), 349-358.

Macrae, C. N., Bodenhausen, G. V., & Milne, A. B. (1995). The dissection of selection in person perception: Inhibitory processes in social stereotyping. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69, 397-407.

Macrae, C. N., Milne, A. B., & Bodenhausen, G. V. (1994). Stereotypes as energy-saving devices: A peek inside the cognitive toolbox. *Journal of personality and Social Psychology*, 66(1), 37.

Macrae, C. N., & Bodenhausen, G. V. (2001). Social cognition: Categorical person perception. *British journal of psychology*, 92(1), 239-255.

Medin, D. L., & Shoben, E. J. (1988). Context and structure in conceptual combination. *Cognitive Psychology*, 20(2), 158-190.

Mellers, B. A., & Birnbaum, M. H. (1982). Loci of contextual effects in judgment. *Journal of Experimental Psychology: Human Perception and Performance*, 8(4), 582.

- Mussweiler, T., Gabriel, S., & Bodenhausen, G. (2000). Shifting social identities as a strategy for deflecting threatening social comparisons. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79, 398–409.
- Park, B., Judd, C. M., & Ryan, C. S. (1991). Social categorization and the representation of variability information. *European review of social psychology*, 2(1), 211-245.
- Pendry, L. F., & Macrae, C. N. (1994). Stereotypes and mental life: The case of the motivated but thwarted tactician. *Journal of Experimental Social Psychology*, 30(4), 303-325.
- Pennington, N., & Hastie, R. (1986). Evidence evaluation in complex decision making. *Journal of personality and social psychology*, 51(2), 242.
- Queller, S., & Smith, E. R. (2002). Subtyping versus bookkeeping in stereotype learning and change: Connectionist simulations and empirical findings. *Journal of personality and social psychology*, 82(3), 300.
- Reis, H. T. (2008). Reinvigorating the concept of situation in social psychology. *Personality and Social Psychology Review*, 12(4), 311-329.
- Rule, N. O., Ambady, N., Adams, R. B., & Macrae, C. N. (2007). Us and them: Memory advantages in perceptually ambiguous groups. *Psychonomic Bulletin & Review*, 14(4), 687-692.
- Schwarz, N., Strack, F., & Mai, H. P. (1991). Assimilation and contrast effects in part-whole question sequences: A conversational logic analysis. *Public opinion quarterly*, 55(1), 3-23.
- Sherif, M., Taub, D., & Hovland, C. I. (1958). Assimilation and contrast effects of anchoring stimuli on judgments. *Journal of experimental psychology*, 55(2), 150.
- Sherman, J. W., & Klein, S. B. (1994). Development and representation of personality impressions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67(6), 972.

Sherman, J. W. (1996). Development and mental representation of stereotypes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(6), 1126.

Sigall, H., & Landy, D. (1973). Radiating beauty: effects of having a physically attractive partner on person perception. *Journal of Personality and Social Psychology*, 28(2), 218.

Sinclair, L., & Kunda, Z. (1999). Reactions to a black professional: Motivated inhibition and activation of conflicting stereotypes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77, 885–904.

Sinclair, L., & Kunda, Z. (2000). Motivated stereotyping of women: She's fine if she praised me but incompetent if she criticized me. *Personality and social psychology bulletin*, 26(11), 1329-1342.

Smith, E. R. (1990). Content and process specificity in the effects of prior experiences. In T. K. Srull & R. S. Wyer, Jr. (Eds.), *Advances in social cognition* (Vol. 3, pp. 1-59). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Smith, E. R. (1996). What do connectionism and social psychology offer each other?. *Journal of personality and social psychology*, 70(5), 893.

Smith, E. R., & Zarate, M. A. (1990). Exemplar and prototype use in social categorization. *Social cognition*, 8(3), 243-262.

Tajfel, H. (1969). Cognitive aspects of prejudice. *Journal of Social Issues*, 25(4), 79-97.

Tversky, A., & Kahneman, D. (1974). Judgment under uncertainty: Heuristics and biases. *science*, 185(4157), 1124-1131.

Van Rooy, D., Van Overwalle, F., Vanhoomissen, T., Labiouse, C., & French, R. (2003). A recurrent connectionist model of group biases. *Psychological Review*, 3, 536–563.

Wedell, D. H., Parducci, A., & Geiselman, R. E. (1987). A formal analysis of ratings of physical attractiveness: Successive contrast and simultaneous assimilation. *Journal of Experimental Social Psychology*, 23(3), 230-249.

Wilkenfeld, M. J., & Ward, T. B. (2001). Similarity and emergence in conceptual combination. *Journal of Memory and Language*, 45(1), 21-38.

Anexos